



Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

DANIELE DA CONCEIÇÃO SILVA ALBUQUERQUE

**PERCURSOS AUTOBIOGRÁFICOS: APONTAMENTOS  
SOBRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS**

**BRASÍLIA, 2021**

DANIELE DA CONCEIÇÃO SILVA ALBUQUERQUE



PERCURSOS AUTOBIOGRÁFICOS: APONTAMENTOS  
SOBRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, Habilitação em licenciatura do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira.

**BRASÍLIA, 2021**

Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

Daniele da Conceição Silva Albuquerque

**PERCURSOS AUTOBIOGRÁFICOS: APONTAMENTOS  
SOBRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS**

Banca examinadora:



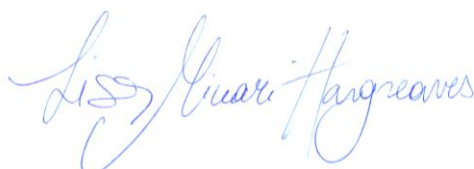
---

Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira – Orientador e Presidente da Banca  
Departamento de Artes Visuais - Universidade de Brasília



---

Professora Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta  
Departamento de Artes Visuais - Universidade de Brasília



---

Professora Dra. – Lisa Minari Hargreaves  
Departamento de Artes Visuais - Universidade de Brasília

*Diante da extrema dificuldade em reconhecer meus feitos,  
dedico esse trabalho a mim.*

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe Neuza que quase sempre pergunta:

O que é que você tá estudando mesmo? O que é UnB? Mas você vai ser o que mesmo depois que você “acabar”? Esse “pcc” deve ser bom né, porque você tá estudando já tem um tempão.

Ao meu companheiro de vida Cleber, que durante todos os momentos de nossas vidas é quase que o amor em forma de gente.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, por sua atenção e compromisso na orientação, sempre se mostrando humano e amigo, por ser tão educado, paciente e zeloso com a orientação.

A Cristiane Herres Terraza, por ser inspiração, por ter me auxiliado em tantos momentos, respondendo aos meus e-mails me ensinando sempre, por ter me recebido com tanto respeito e carinho nos estágios, compreendendo minhas limitações e por ser além de professora, uma grande amiga.

Aos professores e professoras do Departamento de Artes Visuais, cujo os nomes gostaria de citar, porém as páginas deste trabalho não iriam comportar meu desejo de ressaltar em detalhes as lembranças e os significados que cada um teve na minha breve estadia em suas salas de aula.

## RESUMO

A pesquisa abordou experiências formativas vivenciadas no âmbito da Universidade de Brasília, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, particularmente no contexto da Iniciação Científica e em disciplinas que impactaram minha percepção acerca da função docente. Em consonância com estas experiências, outras vivências foram constituídas a partir da formação na educação básica e no ensino técnico. Acentuo que as escritas que compuseram a pesquisa transitaram por percursos autobiográficos e por questões reflexivas acerca dos processos formativos e autoformativos relacionados com o campo das artes visuais. Assim, a pesquisa possibilitou reflexões vinculadas tanto pela presença de uma escrita de caráter autobiográfico presente nos TCCs quanto por uma experiência pessoal e formativa, atravessados por momentos decisivos presentes em minha história de vida.

**Palavras-chave: Pesquisa narrativa e autobiográfica, Artes Visuais, Trabalho de Conclusão de Curso Formação e Autoformação.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa de portfólio e página do primeiro dia de aula - IFB. ....	24
Figura 2: Colagem – Proposta de exercício para montagem de portfólio...	27
Figura 3: Meu primeiro desenho de observação .....	27
Figura 4: Histórico Escolar do Ensino Fundamental .....	32
Figura 5: Histórico Escolar do Ensino Médio .....	32
Figura 6: Reprodução casa de caixa de papelão. Disciplina STCHA. ....	35
Figura 7: Reprodução das imagens do interior da casa de papelão .....	36
Figura 8: Reprodução dos bonecos de infância que auxiliaram na escrita dos memoriais.....	38
Figura 9: Desenho 1 - 2º Semestre 2015. Desenho de observação somado a atividade final com composição conceitual. ....	41
Figura 10: Atividade Materiais em Arte 1 - 1º Semestre 2016. Um dos trabalhos finais.....	41
Figura 11: Desenho e Plástica - 2º 2016. Desenho de observação com finalização em materiais diversos .....	42
Figura 12: Atividade Escultura 1 - 1º 2017. Trabalho final. Compensado e dobradiças.....	42
Figura 13: Testes, croquis e ideias para escultura .....	43
Figura 14: Escultura 2 - 1º 2018 – Ensaio, protótipo para instalação de escultura no <i>Campus</i> da UnB. ....	44
Figura 15: Ateliê 1 - 2º 2018 – Ensaios sobre produção artística.....	45
Figura 16: Escultura 2 - 1º 2019 – Instalação I – Madeira, verniz, ferragens. ....	45
Figura 17: Escultura 2 - 1º 2019 – Instalação II – MDF revestido de estopa. ....	46
Figura 18: Ensaios Ateliê II - 2º 2019 .....	46
Figura 19: Materiais em Arte II - 2º 2019.....	47
Figura 20: Ateliê II - 2º 2019 - Ensaios .....	47

**SUMÁRIO**

<b>LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>PRIMEIRA ESCRITA: APONTAMENTOS INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>Pesquisa narrativa e autobiográfica .....</b>	<b>12</b>
<b>A pesquisa e o encontro com a Iniciação Científica .....</b>	<b>13</b>
<b>Escrita de si e formação em Artes Visuais: Um olhar sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso .....</b>	<b>14</b>
<b>SEGUNDA ESCRITA: MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS.....</b>	<b>19</b>
<b>Experiências na Educação Básica .....</b>	<b>19</b>
<b>Ensino Fundamental e Médio .....</b>	<b>20</b>
<b>Artes Visuais e a formação técnica.....</b>	<b>23</b>
<b>Artes Visuais: experiências e inspirações .....</b>	<b>25</b>
<b>TERCEIRA ESCRITA: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA UNIVERSIDADE.....</b>	<b>29</b>
<b>Disciplina: Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 3 – STCHA3.....</b>	<b>31</b>
<b>Disciplina: Projeto Interdisciplinar.....</b>	<b>33</b>
<b>Aprendizagem em artes: uma narrativa a partir de vivências, afetos e artefatos .....</b>	<b>34</b>
<b>Aprendizagem em artes: afetos que transitam pelo tempo .....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>



## INTRODUÇÃO

O presente estudo tratou de questões pessoais, formativas e autoformativas a partir do escopo da pesquisa narrativa e autobiográfica, acionado por duas experiências particulares: a primeira teve relação com a experiência vivenciada em duas disciplinas: Seminário em Teoria Crítica e História da Arte 3 – STCHA3, e Projeto Interdisciplinar – PI, ambas obrigatórias do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Posteriormente, abordarei com mais especificidade o contexto que cada disciplina representou para o desenvolvimento desta pesquisa. A segunda experiência ocorreu posteriormente à conclusão das disciplinas e empreendeu um investimento como pesquisadora no Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília – ProIC, onde pude desenvolver uma investigação pautada na leitura e reflexão de outros Trabalhos de Conclusão de Curso desenvolvidos na mesma área de formação.

Como discente, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade de Brasília, lembro-me que durante boa parte desse percurso ainda não entendia os fatores principais que haviam conduzido minha escolha para esta área de formação. Entretanto, foi a partir dos estudos sobre pesquisa narrativa e autobiográfica que compreendi a dimensão subjetiva que as lembranças e as experiências vivenciadas ao longo de uma história podem representar para a vida dos sujeitos. Nesse sentido, o presente Trabalho de Conclusão de Curso apresentou subsídios para compreender questões relacionadas com a minha experiência formativa no âmbito da educação básica, técnica e superior com o campo da arte, acionando lembranças decisivas para compreender o caminho trilhado até esse momento.

Saliento que a possibilidade de atuar como pesquisadora em uma pesquisa de Iniciação Científica despertou tanto o lugar da pesquisa documental quanto o interesse particular pela leitura de escritos que abordavam processos formativos e autoformativos dimensionados com o campo das artes visuais. Esse olhar atento sobre os escritos memorialísticos, impregnados de episódios e lembranças pessoais, conduziu-me por um caminho particular, ao pensar na minha própria experiência de vida. Dessa forma, pude compreender a partir da vivência na Disciplina de STCHA3 com ênfase na abordagem voltada para o Ateliê Autobiográfico, o quanto tornou-se

relevante pensar a escrita memorialística como um lugar de registro de lembranças que foram decisivas para o meu processo formativo e como sujeito.

Do mesmo modo, foram suscitados a partir da narrativa autobiográfica, descobertas e inquietações condizentes com as minhas memórias, evidenciando os percursos que possivelmente me trouxeram à Licenciatura em Artes Visuais. Nesse contexto investigativo de pesquisa e em vista dos acontecimentos durante o percurso acadêmico, onde as disciplinas contribuíram de maneira significativa para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, pude rememorar experiências de escolarização e situações vividas no cotidiano, bem como, alguns acontecimentos que antecederam minha escolha pela graduação em artes visuais.

As lembranças e reprodução de artefatos de infância serviram para produzir fragmentos reflexivos, explorados pelo viés da pesquisa narrativa e autobiográfica. Tal interesse de pesquisa, ampliado para o universo da Iniciação Científica, despertou em mim o desejo de mergulhar nesse campo, principalmente, em virtude das experiências de escrita de si vivenciadas nas disciplinas citadas, que foram ministradas pelo Professor e Orientador deste TCC.

Desse modo, a pesquisa possui como objetivo compreender a importância do campo da pesquisa narrativa e autobiográfica para o contexto formativo e autoformativo em artes visuais. Para isso, considera a importância do processo reflexivo acerca da dimensão da narrativa autobiográfica, como um mecanismo que possibilita pensar sobre o resgate das minúcias memorialísticas que são imprescindíveis ao conhecimento de si. Particularmente, essas minúcias memorialísticas representam pontes entre a arte e a educação e, conseqüentemente, repercutem na vida do sujeito.

O presente trabalho possui em seu corpo três escritas que mapeiam meu percurso autobiográfico no contexto das experiências formativas em artes visuais.

A PRIMEIRA ESCRITA apresenta apontamentos iniciais, ao considerar o escopo da pesquisa narrativa e autobiográfica como fundamento para as investidas na Iniciação Científica, com a leitura e um olhar atento sobre os TCCs produzidos no âmbito da Licenciatura em Artes Visuais e recortados no período de 2015 a 2018.

A SEGUNDA ESCRITA tratou das memórias autobiográficas, onde apresento lembranças associadas com as experiências contextualizadas com a educação básica. Nesse contexto, foram estabelecidas conexões entre as vivências com o ensino fundamental e médio, bem como, com a formação técnica. Posteriormente, enfatizei o campo das artes visuais a partir de um olhar inspirador relacionado com uma experiência pontual e particular que foi decisiva para a escolha pela docência em artes visuais.

Na TERCEIRA ESCRITA apresento experiências formativas vivenciadas no contexto da Universidade, destacando a relevância de algumas disciplinas cursadas, bem como, o contexto das aprendizagens em artes visuais como um caminho de vivências, afetos e artefatos. Nesse contexto, foram destacados alguns artefatos que transitam pelo tempo, possibilitando ressignificações ao longo de uma história de vida.

## **PRIMEIRA ESCRITA: APONTAMENTOS INICIAIS**

O contexto dessa primeira escrita ocorreu mediante o encontro com o campo da pesquisa narrativa e autobiográfica a partir de uma experiência com o Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília – ProIC. Esse encontro permitiu aprofundar os estudos sobre o campo, bem como, sistematizar uma revisão da literatura sobre o mesmo, considerando para isso algumas pesquisas realizadas no contexto dos Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Acentuo que esta pesquisa sobre os TCCs fez parte dos escritos para o relatório apresentado ao ProIC<sup>1</sup> e nesse momento foram revisitados com o objetivo de promover reflexões acerca da minha experiência de escrita com o TCC, a leitura de outros escritos que apontaram para a questão da narrativa autobiográfica estabelecendo pontes entre a educação em artes visuais, promoveu a escrita deste trabalho.

### **Pesquisa narrativa e autobiográfica**

O interesse pelo campo da pesquisa narrativa e autobiográfica surgiu a partir dos estudos vivenciados no Curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade de Brasília, em particular, quando cursei as Disciplinas de Seminário em Teoria, Crítica e História da Artes 3 [STCHA3] e Projeto Interdisciplinar [PI], ambas ministradas pelo Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira. Posteriormente, outras nuances serão apresentadas em relação à estas disciplinas, com o objetivo de apontar quais processos foram experienciados ao longo da vivência nas mesmas. Esclareço que o ponto fundamental que marcou o meu interesse pelo tema esteve atribuído com a questão relacionada com o reconhecimento de si, assim como, o desenvolvimento de uma investigação de trabalhos e documentos e me levou à reprodução de alguns artefatos de infância, possibilitando a compreensão de processos formativos e autoformativos, quanto às aprendizagens vivenciadas a partir de artefatos do cotidiano. De acordo com o posicionamento de Adriana Teresinha Sartori (2008, p. 274), “o memorial de formação é um gênero inscrito no conjunto de trabalhos das

---

<sup>1</sup> Pesquisa de Indicação Científica realizada no período de 2019-2020.

ciências sociais que elegeu as “histórias de vida” como objeto de investigação de várias áreas a partir dos anos 70”. Foi por esse caminho que contemplou as histórias de vida, que tratei de questões essencialmente autobiográficas e formativas a partir da produção de um texto memorialístico, considerando aspectos da minha memória de infância, colocando-me de forma crítica e reflexiva diante dessa escrita.

O objetivo dessa investigação desvelou os caminhos percorridos ao longo da minha trajetória tanto formativa como autoformativa, no sentido de pensar quais circunstâncias foram decisivas para o meu ingresso em um Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Nesse aspecto, o interesse de pesquisa apresentado neste TCC dialoga com as investidas realizadas em minha experiência com o projeto de Iniciação Científica, pois contemplou, em especial, a leitura e reflexão de outros escritos que também transitaram por questões narrativas e autobiográficas. Os autores Elizeu Clementino de Souza, Raimundo Martins e Irene Tourinho acentuam pontos relevantes sobre o campo da pesquisa narrativa, ao enfatizarem que a arte, ao possibilitar pontes entre a vida e a educação:

Fornecer às histórias de vida condições de possibilidade para que sensações, sonhos, emoções, situações de se colocar em lugar de ‘outros’ possam se entrelaçar a episódios simultaneamente reflexivos, projetivos, imaginativos. (SOUZA, MARTINS e TOURINHO, 2017, p.14).

Nesse contexto da pesquisa narrativa e autobiográfica, pude resgatar memórias e fazer uma separação das experiências em cada fase da minha trajetória formativa, considerando a pertinência dos movimentos, das trocas, conversas e escritas vivenciadas em cada etapa. Assim, compreendi onde se iniciou meu processo com o universo das artes, onde eu estava naquele momento e, conseqüentemente, pude projetar a docência em artes que possivelmente seria onde desejaria chegar.

### **A pesquisa e o encontro com a Iniciação Científica**

O trabalho de pesquisa no contexto do Programa de Iniciação Científica desenvolveu-se no campo das artes visuais, no âmbito do projeto “*Pesquisa narrativa e autobiográfica: histórias de vida, experiência e escrita memorialística no contexto das artes visuais*”, proposto pelo Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira. Nesse sentido, o

trabalho resultou inicialmente, de um empreendimento metodológico de caráter exploratório e bibliográfico, que tratou da análise de dados a partir da consulta dos TCCs, oriundos a partir de um recorte temporal e, posteriormente, abarcou o campo de pesquisa empírica acerca de artefatos pessoais relacionados com a minha trajetória formativa, compreendendo tanto o lugar da arte e da educação quanto reflexões sobre questões autobiográficas a partir de registros da memória e de experiências cotidianas.

Foram considerados, o levantamento, a pesquisa e a análise acerca da escrita de si, de caráter memorialística que permeou os TCCs no âmbito da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília, recortados no período compreendido entre 2015 a 2018. O recorte dos TCCs utilizou como parâmetro a leitura da parte introdutória dos textos, com o objetivo de localizar descritores específicos, tais como: escrita memorialística, escrita de si, formação, autoformação, narrativa autobiográfica, entre outros. A pesquisa restringiu-se em quatro o número de TCCs selecionados para compor o primeiro momento do texto, sendo que os demais TCCS serão oportunizados em outra publicação.

Nesse sentido, a pesquisa elucidou apontamentos relevantes vinculados tanto pela presença de uma escrita autobiográfica presente nos TCCs quanto por uma experiência formativa de caráter particular, atravessados por momentos decisivos presentes em minha trajetória de vida.

### **Escrita de si e formação em Artes Visuais: Um olhar sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso**

Durante o desenvolvimento da pesquisa de Iniciação Científica com a leitura da parte introdutória do texto, compreendemos que a introdução de um TCC compreende três movimentos indispensáveis, tais como: apresentação da pesquisa e do problema, justificativa e objetivos. Nesse ponto, considera-se plausível, apesar de não caracterizar uma obrigatoriedade, que o discente produza na própria apresentação da pesquisa, algum tipo de movimento que possa sinalizar quem é o pesquisador, suas intenções, escolhas, desejos e experiências que foram marcantes no contexto formativo e autoformativo de sua vida (FERREIRA, CAIXETA, 2020). Nessa direção, buscou-se alguma vinculação na escrita que denunciasses reflexos de uma

temporalidade biográfica, marcos que sinalizassem trajetórias experienciais de escolarização e, ainda, vestígios acerca de uma demarcação autobiográfica nos TCCs.

A pesquisa sobre os TCCs, contou com uma busca realizada no repositório institucional da Universidade de Brasília, onde encontramos um número significativo de TCCs vinculados ao período compreendido para a pesquisa, em 2015, de um total de 32 encontramos 5 TCCs; em 2016, de um total de 19 encontramos 5 TCCS; em 2017, de um total de 28 encontramos 4 TCCS e em 2018, de um total de 13 encontramos também 4 TCCs que dialogavam com os interesses da pesquisa. Esse registro aponta que apesar da pesquisa narrativa e autobiográfica representar um campo em expansão no contexto das artes visuais, ainda temos um número reduzido de pesquisas que abordam o referencial da escrita memorialística como subsidio para uma escrita de si que possa permear os TCCs.

A partir do material encontrado no repositório institucional, realizamos uma leitura da parte introdutória dos mesmos, objetivando identificar os descritores previstos para a pesquisa. Tal leitura permitiu analisar como os discentes em final de graduação construíram a parte introdutória dos trabalhos. Nesta busca averiguamos se havia indícios de uma escrita memorialística que denunciasse o nosso propósito investigativo, analisando em especial, o modo de escrita, sua particularidade e dimensão acerca da intensidade narrativa. No âmbito desta pesquisa, nosso desafio residiu pensar o uso da escrita memorialística no campo da formação docente, não apenas como uma ferramenta de formação acadêmica, mas, como uma escrita de si com intensidade narrativa, situando “o memorial em sua dimensão histórica entre a dimensão universal da capacidade humana de narrar e a dimensão pessoal de apropriação do memorial para narrar as experiências de formação” (PASSEGGI, 2011, p. 22). Foram encontrados 19 trabalhos que atendiam o propósito de uma escrita que transitava entre a capacidade de narrar e explicitar experiências formativas.

O primeiro TCC analisado refere-se ao ano de 2015, de autoria de Lucas Marques Sampaio, intitulado: *Do aprendizado às margens: autobiografia verbo-visual como*

*narrativa de experiências*. A pesquisa construiu paralelos com a análise do trabalho da autora e ilustradora Marjane Satrapi, cuja obra serviu de inspiração. De acordo com Sampaio (2015), já no ano de 2000, depois do sucesso mundial que alguns autores do gênero autobiográfico conquistaram com seus trabalhos, Marjane começou a publicação de seu primeiro volume de Persépolis na França pela *Editora L'Association*, posteriormente, devido ao sucesso, Persépolis foi traduzido para outras línguas. Nesse sentido, a identificação com o trabalho de Marjane ocasionou uma escrita de TCC com características autobiográficas, pois a história da autora serviu como estímulo para que Sampaio (2015) produzisse uma investigação verbo-visual, conjugando ao mesmo tempo texto e imagem para construir subsídios que pudessem retratar determinadas experiências formativas. Tais escritos transitaram pelas memórias de experiências escolares com particularidades acerca do universo das artes. Ainda de acordo com Sampaio sua pesquisa busca:

Através da narrativa autobiográfica, apontar considerações relevantes acerca do modelo de ensino vivenciado em minha experiência e como o aprendizado pode ser mais estimulado [a partir] da própria experiência de vida como base. (SAMPAIO, 2015, p11).

O segundo TCC analisado refere-se ao ano de 2016, de autoria de Patrícia Mello Machado, intitulado: *Pesquisa viva e identidade docente na formação inicial do professor de artes visuais: um estudo autobiográfico*. Nesse estudo, a autora buscou soluções para conciliar aspectos conflitantes da própria identidade como professora de artes, recuperando aspectos da sua história de vida, refazendo os caminhos de construção da identidade artística e docente, ou seja, a partir de uma investigação autobiográfica. A pesquisa possibilitou também repensar questões acerca do autoconhecimento como ferramenta que possibilitou uma melhor compreensão do seu trabalho, uma reinvenção pessoal e à criação de possibilidades de atuação profissional de maior impacto social (MACHADO, 2016).



O terceiro TCC utilizado para análise foi relativo ao ano de 2017, de autoria de Douglas Firmino, intitulado: *Vilipêndio ao meu cadáver: autorrepresentação grotesca e a autoformação no desenho*. O trabalho direcionou o estudo para um olhar acerca dos acontecimentos e recordações que determinaram o seu processo de autoformação pelo desenho. Segundo Firmino (2017), a escrita do trabalho foi fundamental para o contexto da sua vida, assim como, as experiências com a linguagem do desenho. Dessa forma, os acontecimentos presentes no cotidiano como as recordações da infância foram decisivos para desvelar uma linguagem poética, sobretudo, para compreender questões íntimas e subjetivas de sua existência. Firmino (2017), afirma que, ao longo da pesquisa e da escrita de si, percebeu que determinadas questões de foro íntimo e subjetivo estavam alicerçadas com uma concepção do Grotesco. A relação com o conceito e a representação do grotesco foi algo categórico no trabalho autoral e visceral de Firmino, apontando uma dimensão narrativa que tangenciou os limites entre o verbal e o visual.

O quarto e último TCC utilizado para análise foi relativo ao ano de 2018, de autoria de Antonio Lucas Alves, intitulado: *Imagens de arte e autoformação da sexualidade: o desenho como perspectiva de uma escrita de si*. O presente trabalho refletiu sobre determinadas imagens, em especial, as por ele produzidas no contexto da sensualidade e do erotismo masculino, foram reveladoras para o seu processo autoformativo. O TCC também considerou em que medida essas imagens provocaram o interesse pelo exercício do desenho, culminando numa escrita de si como caminho poético e de autoconhecimento. Nesse contexto investigativo realizado por Alves (2018), foi possível o processo de rememoração de experiências tanto da época de escolarização como situações vividas no seu próprio cotidiano.

Destaco que ao longo da experiência vivenciada com a leitura dos textos apresentados nos TCCs, onde o objetivo era encontrar descritores específicos, tais como: escrita memorialística, formação, autoformação, narrativa autobiográfica, entre outros em especial para o recorte apresentado, observei o quanto é significativo compreender sobre o sujeito da pesquisa, suas questões e particularidades.

No caso do TCC de Antônio Lucas Alves onde seu trabalho serviu para compreender questões sociais e íntimas, ele pode através da experiência narrativa construir sentido

nas suas inquietações, e durante o processo de autoformação, ao revisitar suas memórias e acontecimentos que foram relevantes na sua construção subjetiva pode ter uma orientação para a docência em artes, para ele o desenho e a arte são artefatos indissociáveis a sexualidade, aos desejos e a sua formação.

Diante dos escritos de Antônio Lucas Alves pude notar que existia uma consonância com a minha história, partindo do pressuposto que durante meu percurso autobiográfico alguns elementos foram se fundindo e a busca de memórias de acontecimentos outrora vividos me permitiram perceber as minúcias que me conduziram a docência e que os artefatos produzidos na infância também foram atravessando e sendo atravessados por esses momentos.

E assim como Douglas Firmino, posso dizer que por meio da narrativa autobiográfica as minhas recordações da infância, desvelaram minha linguagem poética, o que ao meu ver reforça tantas outras questões enquanto artista, aluna e docente, pois todo esse processo de conhecimento sobre minha autoformação reforça sobretudo, para compreender questões de minha existência.

Nesse sentido, saliento que a segunda parte dessa pesquisa, trata especificamente desse lugar primordial, ou seja, conhecer e reconhecer-se como sujeito de uma pesquisa.

## **SEGUNDA ESCRITA: MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS**

Neste momento da escrita, foi oportunizado o encontro com questões reflexivas acerca das experiências vivenciadas no contexto da educação básica, sobretudo, a partir de memórias pessoais associadas com processos formativos e autoformativos. Este encontro contemplou também o âmbito da formação técnica, bem como, determinados lugares de infância. Tal iniciativa, pressupôs um olhar atento para as situações vividas relacionadas a educação em artes visuais, impregnados por episódios específicos da minha história de vida.

### **Experiências na Educação Básica**

Este momento tratou das interfaces entre arte e educação, onde considerei pertinente pensar nos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre arte no ensino fundamental. Em especial, sobre o aspecto que a arte nos ensina que nossas experiências proporcionam um movimento de transformação permanente, sobretudo, pela perspectiva vinculada ao processo de aprender arte na escola, ou seja, a partir das possíveis interfaces entre arte e a educação (BRASIL, MEC/SEF, 1997). Nesse sentido, Ana Mae Barbosa (1998) corrobora com essa questão, ao enfatizar que a arte na educação funciona como expressão pessoal e como cultura, desempenhando importante instrumento para a identificação tanto cultural como para o desenvolvimento dos discentes. Desse modo, foi determinante ler e refletir sobre outras escritas voltadas para o campo das artes visuais, considerando particularmente a relevância entre a formação em arte e a própria trajetória de vida dos sujeitos.

Assim, compreendi que o universo da arte abre um campo de sentidos para a questão da cultura e da experiência do sujeito, sendo utilizada como subsídio numa escrita memorialística. De acordo com Barbosa (1998), já havia uma expectativa para o contexto da educação em artes, no sentido de pensarmos em uma outra proposta que reforçaria a ideia de herança artística e estética dos alunos, levando em consideração a experiência vivenciadas com o seu meio ambiente. Refletindo a partir dessa ideia e, considerando o princípio da educação em arte e sua associação com a cultura, o

pensamento individual, assim como, dos fatos que cercam cada sujeito em seu cotidiano, reitero o interesse pelo universo das memórias e experiências que atravessam os sujeitos em sua história de vida.

### **Ensino Fundamental e Médio**

O interesse pelas memórias e experiências que atravessam os sujeitos em sua história de vida, possibilitou nesse momento do texto, considerar o meu percurso autobiográfico. Nesse sentido, apresento recortes relevantes que pontuaram minhas experiências formativas, em particular, com à época de escolarização no ensino fundamental e médio.

No contexto da educação básica, pude recordar que no ensino fundamental meus colegas de classe e eu tínhamos momentos lúdicos, que eram vivenciados justamente em horários vagos pela ausência de professores. Esses horários eram chamados de “aula de artes” em alguns momentos. Mas, no entanto, não havia nenhum estudo de cores, nenhum estudo sobre música, teatro, ou algo relacionado a artistas nacionais ou estrangeiros. O que posso recordar reside na lembrança de ficarmos boa parte do tempo sozinhos com um som tocando músicas do cantor brasileiro chamado Latino. Em outro momento dessa “aula livre de artes”, aparecia na sala de aula a professora que ficava na biblioteca para “animar a turma” com a canção do marinheiro, “[...] *ô marinheiro marinheiro, quem te ensinou a navegar, foi a queda do navio, ou foi o balanço do mar [...]*”. Por se tratar de uma pessoa muito simpática e divertida, a professora deixava a turma contente, inclusive eu, mas dentro de poucos minutos ela se retirava e novamente ficávamos “vagando” nesta aula de artes.

Relembrar esse momento me trouxe muita alegria, mas me levou a refletir como o conceito de artes dentro do meu contexto educacional naquela época era levado apenas para um lugar de distração ou simplesmente para pássaro tempo, uma maneira de “tapar” uma lacuna em horários vagos, tempo este que possivelmente poderia ser aproveitado de uma forma mais eficiente.

Outra lembrança era a comemoração das festas juninas, que pelo menos para mim não caracterizava um momento muito feliz porque geralmente todas as atividades eram baseadas na obrigatoriedade e sob muitas ameaças de retirada de “pontos” que

gerava queda nas notas, tendo em vista que as atividades a serem executadas eram tidas como avaliações. Recordo que todo o processo das festas juninas era extremamente estressante, a confecção das bandeirinhas era cansativa e dolorosa com as tesourinhas cegas que tínhamos que usar para cortar as revistas, a obrigatoriedade de ter que ir à festa no final de semana e até mesmo a possibilidade de ser a escolhida para dançar quadrilha me deixava apavorada.

Nesse contexto de datas comemorativas, existiam também as confecções de espada e chapéu de jornais e/ou revistas para a comemoração ao dia do soldado, colocar orelhas de papel em rolos de papel higiênico para a páscoa, pintar o desenho de uma bela boneca estilo princesa da Disney para o dia das mães, pintar uma gravata para o dia dos pais e pintar um índio para o dia do índio. Nesse sentido, a professora Luciana Grupelli Loponte apresenta considerações acerca desse panorama que caracteriza o ensino de artes, sobretudo, ao enfatizar aspectos sobre:

O que fazer diante da persistência da presença dos já arcaicos e já tão duramente criticados desenhos estereotipados prontos para colorir? Ou ainda diante da insistência em confundir arte com a elaboração de decorações festivas ou presentes para as datas comemorativas? Estes exemplos, aparentemente já ultrapassados, continuam existindo nas escolas (principalmente na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental), muitas vezes com algumas variações mais “modernas”, ou alguns disfarces sutis. (LOPONTE, 2010, p. 237-238).

A questão apontada pela autora corrobora com a realidade que fora vivenciada por mim no contexto da educação básica, principalmente, ao questionar quando nos perguntamos que tipo de arte queremos na escola, ou mesmo, de que arte estamos falando, “da arte que consola, acalma, decora e ilustra [...]” (LOPONTE, 2010, p. 239), ou de uma arte que poderia instigar reflexões, abrindo espaço para provocações e questionamentos.

Ainda, no último ano do ensino fundamental, recordo ter tido apenas duas aulas de artes. Em uma das aulas, a professora fez uma dinâmica, ou seja, uma espécie de quebra-gelo onde deveríamos escrever frases baseadas em perguntas realizadas pela própria professora. As perguntas foram registradas em papéis que giravam, indo

ao encontro de outros colegas, gerando respostas cruzadas que por certas vezes se encaixavam de modo engraçado. Confesso que até hoje, apesar da participação constrangida na atividade pois ela se caracterizava em falar em voz alta as frases que não necessariamente tinham sido escritas por mim, mas que acabava por parecer que era isso, não consegui compreender o sentido daquilo tudo, porém reforçava ainda mais a ideia de artes como um lugar de distração apenas.

Na segunda e última aula de artes, a professora levou três lápis de cores diferentes e ficou argumentando sobre as possibilidades de formação de cores. Hoje, compreendo a partir dos conhecimentos adquiridos, que o objetivo daquela aula estava associado com o estudo ou teoria das cores, mas, infelizmente, não houve nada prático em sala de aula que pudesse comprovar as argumentações da professora. Acredito que foi uma vivência marcante em meu processo formativo, sobretudo, para ter consciência que determinadas atividades pedagógicas precisam ser pensadas antecipadamente pelo professor, para que possam desempenhar um sentido construtivo em sala de aula.

No período de estudos do ensino médio, em virtude da idade avançada, optei pela realização de um curso na modalidade supletiva da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Nessa época, lembro-me que experimentei apenas uma atividade de colagem na aula de artes visuais, onde o objetivo era fixar uma espécie de guardanapo de papel decorado em um azulejo, sem nenhum propósito específico. Essa foi a única atividade que vivenciei como aula de artes visuais durante o curso, o que me leva a refletir que a educação em artes na modalidade EJA do ensino público aqui no Distrito Federal na época possivelmente era uma disciplina que não tinha muita importância. Nesse sentido, não posso considerar essa experiência como algo significativo no contexto da minha formação. Infelizmente, ao trazer lembranças dessa fase de escolarização, em particular sobre as vivências com a disciplina de artes visuais, observo que as atividades eram desvinculadas de um contexto teórico e metodológico.

Segundo Loponte:

A presença da arte na educação e, mais especificamente na escola, é continuamente negociada desde os “microespaços” como a sala de aula e as grades curriculares até espaços políticos mais amplos como associações científicas ou na legislação educacional. (LOPONTE, 2010, p. 227).

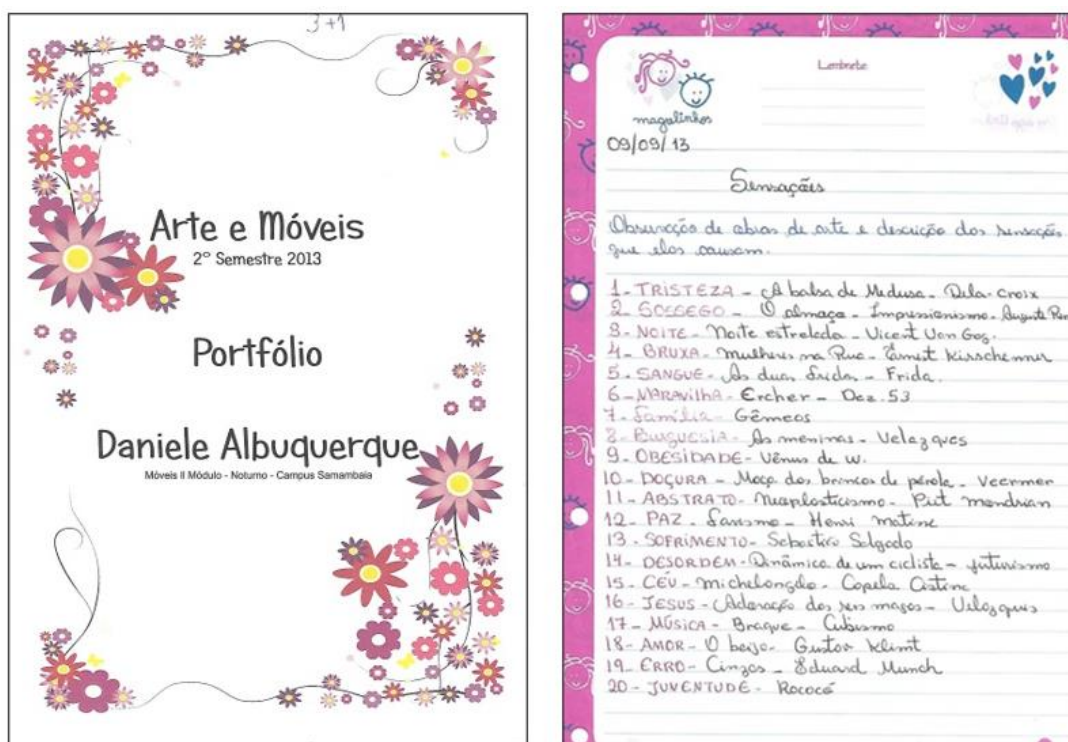
Assim, compreendi que a falta de memória acerca de experiências escolares que remeteriam ao campo das artes estava associada com a própria precariedade do sistema de ensino público do Distrito Federal no qual fui formada. E que as explicações que seriam necessárias para justificar o porquê de estarmos fazendo determinada atividade não aconteciam em virtude da própria ineficácia do sistema de ensino, bem como, das condições formativas em que os professores possivelmente foram submetidos. Hoje, ao recordar experiências da época de escolarização, percebo que muitas atividades vivenciadas no campo das artes não fizeram sentido. Assim, penso que o melhor modo de ressignificar essas experiências, esteja pautado no caminho do estudo e da pesquisa em artes, como um modo de atribuir sentido para a formação de professores de artes, considerando que essa formação é um dos pontos cruciais para qualquer mudança significativa no âmbito da escola (LOPONTE, 2010).

### **Artes Visuais e a formação técnica**

Posteriormente a experiência com o ensino médio na modalidade do EJA, busquei por uma formação mais significativa, que pudesse oferecer uma profissão. Com esse propósito, ingressei em 2013 no Curso de Técnico em Móveis e Esquadrias, no Instituto Federal de Brasília – IFB – *Campus Samambaia*. No segundo semestre deste mesmo ano, recordo que tivemos a matéria chamada “*Arte e Móveis*”, ministrada à época pela professora de artes visuais Cristiane Herres Terraza.

Lembro-me que em sala de aula, realizamos uma atividade na qual a professora apresentou obras de alguns artistas. No caderno, deveríamos escrever a primeira palavra que viesse a nossa mente ao observar a obra que ela nos mostrava (Figura 1), em seguida ela nos falou sobre as obras, os artistas e um breve contexto histórico com o objetivo de apontar do que se tratavam tais obras. Essa experiência formativa foi marcante, pois colocou-me frente ao universo das artes visuais, sobretudo pela possibilidade de conhecer obras e artistas que, até então, eram desconhecidos para mim.

Figura 1: Capa de portfólio e página do primeiro dia de aula - IFB.



Fonte: Acervo da autora

A partir desse contexto vivenciado em sala de aula, foi possível compreender a importância da explicação, a professora aproveitou ao máximo aquele momento em sala de aula, apontou aspectos sociais e culturais e nos contou um pouco sobre os artistas, naquele instante pude me sentir participante das artes visuais, sobretudo a partir das aulas vivenciada na Disciplina de Arte e Móveis e do olhar atento da professora para com os alunos. Penso que no contexto da educação técnica, compreendi em parte o universo das artes e passei a desejar ampliar o conhecimento sobre elas e para, em algum momento, compartilhar sobre esse universo com outros sujeitos. Aqui reside o meu interesse pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais.



## **Artes Visuais: experiências e inspirações**

Como sugerem os autores Sandro Henrique Vieira de Almeida e Mitsuko Makino Antunes:

O educador deve organizar a transmissão dos conteúdos escolares de tal forma que haja não somente a memorização das informações, mas que também haja a relação/aproximação destes conteúdos com os outros já aprendidos, assim como com a sua vida cotidiana. (2005, p.14).

Desse modo, a simples transmissão de informações sobre obras artísticas e/ou movimentos artísticos, sejam eles representantes de diferentes períodos da história da arte, não garante que o educando vai se conectar ao que está sendo dito pelo professor. Penso que até aquele momento na educação técnica, infelizmente eu não tinha tido uma experiência que tivesse uma conexão com a arte e, pelas minhas lembranças, as experiências anteriores foram vazias e sem sentido.

Em consonância com os apontamentos de Luiz Carlos Pinheiro Ferreira (2015, p. 212), acredito que “ ser professor requer estabelecer uma relação de reciprocidade com o Outro, estar predisposto a se ver no Outro como pressuposto para a alteridade”. Percebo, então, que a relação estabelecida pela professora Cristiane no contexto da educação técnica esteve imbuída desse olhar atento em relação ao Outro. Do mesmo, observei, a partir da possibilidade da escrita e da leitura dos memoriais formativos, que os sujeitos significam suas experiências de escolarização através de experiências que foram enriquecedoras, considerando, inclusive, as experiências entre professores e alunos. Aquele momento vivido no contexto da educação técnica, configurou-se como um lugar diferenciado para mim como discente, pois o modo de conduzir a aula com um olhar atento dado pela professora significava o estabelecimento dessa reciprocidade, em que “[...] o aluno precisa ser reconhecido na sua singularidade, mesmo quando na coletividade da turma” (FERREIRA, 2015, p. 215).

Dentro da minha realidade na época, eu não acreditava que poderia realmente escrever o que pensasse sobre uma obra de arte, lembro-me que a possibilidade de poder, através da minha escrita, explicitar o que eu via nas obras apresentadas, tornou

a atividade especial, e a medida que a professora foi explicando as obras e seus significados, recordo dos sorrisos dos colegas e meu com as leituras supostamente equivocadas das obras. Mas, hoje pensando sobre isso, acredito que nunca vivenciei uma experiência com leitura de obras com tanta pureza como naquela época.

Após a finalização do curso técnico, realizei inúmeras tentativas para ingressar, via vestibular para a Universidade de Brasília, nos Cursos de Desenho Industrial e Arquitetura. Percebi que as aulas de artes que foram vivenciadas no curso técnico do IFB, tornaram-se cada vez mais relevantes para o meu processo formativo. Percebi também, a necessidade de ingressar em uma formação acadêmica que fosse inspiradora e que pudesse ser minha profissão, além daquela que consegui a partir do curso técnico no IFB. Nesse ponto, refleti muito sobre a necessidade de algo que pudesse contribuir com a minha felicidade e futuro profissional, lembrando-me da maneira como a minha visão sobre artes visuais mudara nos últimos tempos e recordando carinhosamente da professora Cristiane e do seu engajamento pela docência, pensei que talvez fosse possível também poder transmitir a outras pessoas a arte de uma maneira diferente, que realmente fizesse diferença. Continuei com as tentativas para ingressar, via vestibular, na Universidade Brasília, considerando como opção o Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Nesse momento, tive o grande privilégio de receber auxílio da professora Cristiane, tão querida, que gentilmente me aconselhava sobre a importância de ler e estudar os artistas, instigando-me também a visitar exposições artísticas e a pesquisar mais sobre o curso de licenciatura. Em uma de nossas conversas, fui incentivada a fazer uma colagem (Figura 2) e um desenho de observação (Figura 3) para compor o portfólio de trabalhos artísticos que deveria ser apresentado no momento da entrevista.

Figura 2: Colagem – Proposta de exercício para montagem de portfólio.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 3: Meu primeiro desenho de observação



Fonte: Acervo da autora.

Esta entrevista é obrigatória para o ingresso no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, denominada de Prova de Habilidades Específicas – HE, fazendo parte das etapas do vestibular da Universidade de Brasília.

Assim, interessei-me pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília, considerando a importância das artes visuais e seu “poder de transformação”, pois foi o que aconteceu comigo ao ingressar no curso do IFB. Posteriormente, considerei que esta decisão poderia atender também ao lugar lúdico que as artes proporcionam para a formação dos sujeitos, bem como, o prazer de compartilhar o conhecimento sobre arte.

## TERCEIRA ESCRITA: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA UNIVERSIDADE

Este tópico aborda as experiências formativas vivenciadas na Universidade como um lugar promissor para pensar na relevância tanto do ensino de artes como do próprio processo de formação na licenciatura. Ao ser aprovada no Curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade de Brasília no segundo semestre de 2015, encontrei-me em desespero na época, pois ouvi dizer que na primeira aula de desenho ofertada pela Disciplina de Desenho 1, os alunos deveriam realizar um desenho de observação de um corpo humano em segundos. Conjecturar essa possibilidade deixou-me bastante apreensiva, pois acreditava que seria impossível realizar tal tarefa.

Recordo-me que, adentrei pelas portas do Departamento de Artes Visuais com meus 32 anos de idade, cheia de temores e vergonha, achando que nada sabia nessa vida e me perguntando o que era mesmo que eu estava fazendo, afinal, ali não era meu lugar, eu nada entendia das artes e não era mais tempo de estudar sendo tão “velha”. Na época eu não era capaz de compreender a importância de todo o processo de vida que eu havia percorrido até aquele momento, até mesmo as experiências formativas citadas anteriormente nessa escrita, que fizeram parte da construção da minha história de vida. Nesse aspecto, aponto que ao citar o esboço da teoria da educação de John Dewey, os autores Robert B. Westbrook e Anísio Teixeira (2010, p. 33) ressaltam que:

Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, experiência, aprendizagem – não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos. (TEIXEIRA e WESTBROOK, 2010, p. 33)

De acordo com o apontamento, aprendi ao longo desse período formativo na Universidade, particularmente, ao participar do projeto de Iniciação Científica, que a vida é um constante processo de experimentação e aprendizagem. Ao ler outros trabalhos de TCC que remetiam ao processo de escrita de si a partir de experiências formativas e autoformativas, aprendi que todas as experiências ficam presentes em

nossa tessitura subjetiva, sobretudo, quando estamos considerando o campo da arte como território das vivências. Dessa forma, considero que a educação em arte parte do pressuposto da experiência que o indivíduo adquire em seu cotidiano, ou seja, na vida e durante todo seu percurso. Sendo assim, as memórias fazem parte do contexto formativo do sujeito, pois estão presentes em cada movimento que realiza, em cada experiência que gera um aprendizado. Na época em que passei pelas portas do Departamento de Artes Visuais, eu não sabia o quanto de experiências em artes eu já tinha vivido, pois minha mente ainda estava limitada ao aprendizado que foi apreendido dentro do território restrito da instituição escolar.

A partir deste momento, evidencio questões que fizeram parte do meu percurso formativo, considerando a trajetória educativa em Artes Visuais vivenciada no contexto da Licenciatura na Universidade de Brasília. Para essa terceira escrita do texto, cabe ressaltar que ao longo da nossa jornada vamos adquirindo experiências, e segundo as diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, destaco um trecho que acentua aspectos sobre a ciência e a arte, ao enfatizar que:

Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as experiências e representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana” (BRASIL, MEC/SEF, 1997, p. 31).

Nesse sentido, nota-se que ao longo da nossa jornada vamos adquirindo experiências, de acordo com nossas relações sociais e culturais e logo seguimos na construção de representações, sendo que essas representações são renovadas com o passar do tempo de uma maneira constante.

No Curso de Licenciatura em Artes Visuais pude adquirir conhecimentos e experiências ao longo das diferentes disciplinas cursadas a cada semestre. Atravessadas por conceitos, dúvidas e descobertas, estas disciplinas descortinavam um outro mundo, ou melhor, um outro universo para fazer jus ao conceito de Universidade. Porém, ao longo do curso, algumas despertaram um interesse particular no contexto da minha formação, por isso, no decorrer dessa parte da pesquisa,

elencarei algumas dessas disciplinas que merecem destaque, justamente pela contribuição formativa.

**Disciplina: Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 3 – STCHA3**

Ao vivenciar a Disciplina de Seminário em Teoria, Crítica e História da Arte 3<sup>2</sup> – STCHA3, cujo tema versava sobre: *Ateliê Autobiográfico: histórias, aprendizagens e narrativas de formação em artes visuais*, pude recordar muitas aprendizagens em artes, através das investigações documentais e memorialísticas. As atividades propostas levaram-me a buscar em arquivos pessoais, tais como: documentos, artefatos ou imagens que pudessem comprovar, ou mesmo, acender lembranças acerca das experiências com o campo da arte na infância.

Durante esse processo investigativo pelos arquivos pessoais, concentrei-me na busca por imagens e/ou documentos, tendo em vista que os artefatos não estariam disponíveis, considerando-se o tempo de conclusão dessa etapa formativa. Ao vasculhar gavetas, encontrei alguns históricos escolares (Figuras 4 e 5) dessa época de escolarização, entretanto, observei que tais documentos não descreviam, necessariamente, minhas avaliações de forma detalhada. Apenas comprovavam minha condição de apta naquele período de formação. Confesso que fiquei com um sentimento de perda, como se algo tivesse sido roubado de mim. Eram apenas documentos de uma época de formação que não evidenciavam uma relação mais estreita com o campo das artes, ou com qualquer outra disciplina de modo mais específico.

---

<sup>2</sup> A referida Disciplina foi ministrada pelo Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira no primeiro semestre de 2018, sobre o tema: *Ateliê autobiográfico: histórias, aprendizagens e narrativas de formação em artes visuais*.

Figura 4: Histórico Escolar do Ensino Fundamental

HISTÓRICO ESCOLAR - ENSINO FUNDAMENTAL																													
CENTRO DE ENS.FUND.01 DO CRUZEIRO ÁREA ESPECIAL 01 LOTE 06 BRASÍLIA DF Ata: PORTARIA Numero: 17 Data: 01/07/80										*** OUTROS INFORMES CURRICULARES *** * CONFORME HISTÓRICO ENVIADO PELO CENTRO DE ENSINO FUND.010 DE SAMAN- BÁIA A ALUNA CONCLUÍU COM APROVEITAMENTO OS ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO PA- RAÍLIA NO COMPONENTE CURRICULAR DE MATEMÁTICA, DA 7ª SÉRIE. O ENSINO FUNDAMENTAL COM CARGA HORÁRIA DE 14 HORAS AULAS, USO - CICLO BÁSICO DE ALFABETIZAÇÃO FUNDECT/CE/ES/1.001.100 - BRASIL/DF - RESOLUÇÕES - 01/79 E 02/88-CEEP																			
** CERTIFICADOS QUE O(A) ALUN(A), ESTÁ APT(A) A MATRICULAR-SE NA 1 SÉRIE DO ENSINO MÉDIO																													
COMPONENTES CURRICULARES																													
01 CIÊNCIAS NATURAIS																													
02 ARTE																													
03 LÍNGUA ESTRANGEIRA MOD																													
04 MATEMÁTICA																													
05 HISTÓRIA																													
06 GEOGRAFIA																													
07 P.C.B./P.S.																													
08 EDUCAÇÃO ARTÍSTICA																													
09 EDUCAÇÃO FÍSICA																													
10 INC. AS CIÊNCIAS(P.S.)																													
11 ESTUDOS SOCIAIS																													
12 LÍNGUA PORTUGUESA																													
13 INGLÊS																													
14 TIL																													
15 ENSINO RELIGIOSO																													
16 PRAT. ÁGROP. E EXTRAT.																													
TODAS as Faltas																													
Total de Dias Letivos																													
Total de Horas Letivas																													
Resumo de Avaliações																													
TURMAS DE REINTEGRAÇÃO																													
*** OUTROS INFORMES CURRICULARES (Cont.) ***																													
PARECERES : 144/80, 160/81 e 82/83 - CEEF																													
-GRADE CURRICULAR EM VIGOR A PARTIR DE 1987-PARECER Nº 145/80 - CEEF-																													
-GRADE CURRICULAR EM VIGOR A PARTIR DE 1988-PARECER Nº 110/84 - CEEF-																													
-GRADE CURRICULAR EM VIGOR A PARTIR DE 1989-PARECER Nº 42/89 - CEEF-																													
ESTA DOCUMENTO SO E VALIDO SEM RABURAS.																													
DATA: 07/12/02																													

Fonte: Acervo da autora

Figura 5: Histórico Escolar do Ensino Médio

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO  
SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO PÚBLICA  
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO PLANO PILOTO E DO CRUZEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ASA SUL - CESAS

**ENCCEJA 2006**

**HISTÓRICO ESCOLAR - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ASA SUL - CESAS  
ATO DE CREDENCIAMENTO: Portaria nº 003, de 12/01/2004-CEEP

ENDEREÇO: SIGAS Quadra 802, Avenida L2 Sul, -Área Sul - Brasília/DF Tel: 3901-3093

DADOS DO TITULADO: NOME: DANIELE DA CONCEIÇÃO SILVA; DATA NASCIMENTO: 10/15/1983; NACIONALIDADE: BRASILEIRA; NATURALIDADE: BRÁSLIA; UF: DF; RG Nº: 2245409; ÓRGÃO EXP.: SSP / DF; DATA EXPEDIÇÃO: 16/5/2000

SEGMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	ANEX SEMESTRE	RF	INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL	CIDADE/UF
3ª	Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Matemática, História, Geografia, Ciências Humanas e suas Tecnologias (Filosofia, Sociologia e Filosofia)	2007/1	A	CESAS	Brasília/DF
3ª	Matemática e suas Tecnologias (Matemática)	2007/1	A	CESAS	Brasília/DF
3ª	Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Sociologia e Filosofia)	2007/1	A	CESAS	Brasília/DF
3ª	Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biólogia, Física e Química)	2007/1	A	CESAS	Brasília/DF

LEGENDA: RF - Resultado Final; CONCEITOS: A - Apto; NA - Não Apto

FUNDAMENTAÇÃO LEGAL: Lei nº 9.394/96; Portaria MEC nº 3.415/04; Portaria MEC/INEP nº 83/06, nº 102/06 e nº 131/06; Resolução nº 01/05-CEEP; Portaria nº 4387-CEEP e Portaria nº 1410/01-CEEP.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: OBSERVAÇÕES: O candidato concluiu o Terceiro Segmento (correspondente ao Ensino Médio), por ter obtido pontuação nas áreas de conhecimento do Exame 2006 ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos). Em Exames Subjetivos não há descrição de carga horária.

Brasília-DF, 12 de julho de 2007  
Diretor(a) Regional de Ensino (assinatura e rubrica) e Secretário(a) Escolar (assinatura e rubrica)

Fonte: Acervo da autora



Na ausência de artefatos, imagens e outros documentos, percebi que seriam somente minhas memórias que poderiam auxiliar no processo de resgate de algumas experiências vivenciadas no contexto da educação básica. Entendo que as leituras promovidas a partir das aulas no departamento sobre o campo da pesquisa narrativa e autobiográfica, assim como, a vivência em determinadas disciplinas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais também foram decisivas nesse processo de investigação. Assim, compreendi que a implicação nesse conhecimento sobre si mesmo, sobre o próprio percurso formativo, possibilitou a construção de narrativas que foram sendo organizadas em etapas, de acordo com os momentos de minha vida.

### **Disciplina: Projeto Interdisciplinar**

A disciplina de Projeto Interdisciplinar – PI <sup>3</sup> no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília foi cursada concomitantemente com a Disciplina de STCHA3, desse modo, a produção que atenderia a demanda de uma escrita de trabalho para a Disciplina de PI fundiu-se com o processo de escrita de si que era vivenciado com as produções do Ateliê Autobiográfico, em STCHA3. Essa possibilidade relacionada com as duas disciplinas também envolveu a minha inserção na pesquisa de Iniciação Científica, o que resultou numa triangulação de experiências de estudo e pesquisa. Desse modo, cabe frisar que este TCC foi resultado de processos formativos que vivenciei em diferentes disciplinas, tendo em vista que o trabalho final de licenciatura em artes visuais deveria conter registros voltados para o contexto da educação em artes visuais. Em relação a isto, Ana Paula Aparecida Caixeta e Luiz Carlos Pinheiro Ferreira destacam que:

Ao retomar experiências de vida inscritas na existência, que remetem às questões e aos processos (auto)formativos, especialmente quando estas estão atreladas ao campo da narrativa e da autobiografia surge uma vertente formadora e reflexiva. (FERREIRA e CAIXETA, 2018, p. 07).

---

<sup>3</sup> Projeto Interdisciplinar em Artes Visuais – Disciplina ministrada pelo Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira no primeiro semestre de 2018, cujo objetivo foi fundamentar a produção textual com referencial teórico para a prática de um pré-projeto de conclusão de curso.

Nesse aspecto, entendo que as investigações autobiográficas partem de contextos memorialísticos que resultam numa escrita de si, propiciando reflexões e percepções que tangenciam determinadas escolhas em relação ao campo da licenciatura em artes visuais, ou seja, um possível entendimento de todo o processo vivenciado, que pode ser significado a partir de uma escrita narrativa.

### **Aprendizagem em artes: uma narrativa a partir de vivências, afetos e artefatos**

Para Souza (2007, p. 63), “quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural”. Desse modo, é possível pensar que a escrita de si proporciona de modo substancial como referência para entender o nosso posicionamento presente. Inicialmente, isto ocorreu através da leitura dos memoriais formativos encontrados nos TCCs e, posteriormente, a partir da própria escrita do meu memorial. Percebi que embora o fato de não ter vivenciado uma experiência significativa com artes na escola, fui uma criança que criava meus próprios brinquedos, minhas narrativas e contextos lúdicos.

Na experiência com a abordagem teórica e metodológica vivenciada no Ateliê Autobiográfico, foi oportunizada a reconfecção das casinhas de papelão que eu criava quando criança (Figuras 6). Essas casas eram feitas somente para observação, assemelhando-se muito com o meu cotidiano, pois representavam a minha própria casa e as que geralmente frequentávamos.

Figura 6: Reprodução casa de caixa de papelão. Disciplina STCHA.



Fonte: Acervo da autora

A cor marrom das caixas assemelhava-se com a cor da parede rebocada de cimento sem pintura, com cômodos divididos por cortinas, as imagens internas que se formavam ao tapar a parte de cima da caixa eram para mim como as visões noturnas de minha casa (Figura 7). Esse cotidiano vivenciado na época de infância era retratado tanto nas brincadeiras quanto nos brinquedos criados artesanalmente. Essas caixas, em especial, eram construídas com um objetivo particular, pois interessava-me observá-las interiormente. De fato, as caixas funcionavam mais como objetos de observação do que propriamente objetos para brincar.

No entendimento de Souza (2007, p. 69), “através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes”. Desse modo, acredito que a escrita de si permitiu que as recordações se evidenciassem e por se tratar de brinquedos que eu mesma confeccionava foi possível refazer algumas réplicas do mesmo modo que eram feitos na época de infância, o que permitiu a

rememoração de experiências que foram vivenciadas, gerando novos sentidos e significados. A partir do processo de rememoração desses momentos eu pude como futura professora me observar sendo criança, inventiva e criativa sob a lente de minhas perspectivas e do que acontecia ao meu redor.

Figura 7: Reprodução das imagens do interior da casa de papelão



Fonte: Acervo da autora. 2018.

As recordações foram mostrando que desde criança posicionei-me como uma observadora dos detalhes que me cercavam, bem como, a reprodução dos mesmos fazia parte de um cotidiano repleto de fantasias, desejos e intenções para o futuro e que, fora da escola, outros eventos relacionados ao fazer artístico estavam presentes em meu cotidiano. Pude recordar que aos finais de semana pintava os panos de prato da minha mãe, com toda a liberdade possível concedida por essa figura inesquecível. Com ela também aprendi outras artesanias que foram primordiais para a minha

formação e gosto pela arte, como por exemplo, fazer crochê. Minhas lembranças chamam a atenção para a liberdade criativa que eu tinha, pois tenho a impressão de que todos os movimentos da minha vida permitiram formar a pessoa que sou hoje.

Quando penso na posição de aluna, professora e artista no contexto do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, acredito que esses eventos foram definidores tanto para o meu processo formativo quanto para as produções que tenho desenvolvido ao longo da minha jornada acadêmica nesse sentido, entendo a partir do apontamento de Peter Alheit e Bettina Dausien que:

O papel da formação no percurso de vida não se limita, no entanto, à “fase preparatória”, ele estrutura, sob a forma de um encadeamento de escolhas efetuadas e de direcionamentos, o desenrolar completo do currículo biográfico. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006 p. 187).

Pensando nisso pude perceber os encadeamentos das coisas que eu fazia, como um desenrolar biográfico, pois todos esses elementos foram se aglutinando em minhas experiências de vida que pareciam estar até então dissociadas.

Recordei também que, além dos brinquedos produzidos artesanalmente, haviam os brinquedos “normais”, presentes que marcavam alguma data especial, porém na perspectiva metodológica desenvolvida na perspectiva do Ateliê Autobiográfico, fomos impulsionados a nos debruçar sobre nossas lembranças de infância mais significativas no que se referiam aos artefatos e afetos. A partir disso passei a pensar que, apesar do interesse pelos brinquedos normais, sempre fazia meus próprios bonecos de diversos materiais, ou seja, de pano, de espuma, de cano PVC, de galhos de plantas e outros materiais. Não havia muita elaboração, essa artesanaria envolvia somente o formato humano do corpo, sem costuras, sem roupas, pois o meu objetivo era só o de produzir a fim de observá-los, quanto mais eu brincava com esses bonecos, mais eles se pareciam comigo e com as cenas do meu cotidiano e isso me fascinava.

Durante essa escrita pude relembrar que certa vez apanhei de minha mãe por cortar roupas que ainda tinham uso a fim de produzir os tais bonecos, após o acontecido, sem nenhum arrependimento e ainda chorosa pensei: *“vou crescer e vou criar uma fábrica de bonecos iguais a esses, e ninguém vai poder falar nada!”*.

Essa experiência com o campo da pesquisa narrativa e autobiográfica permitiu no contexto da escrita memorialística compreender que “a narrativa acentua a importância das lembranças, aguça a capacidade de reviver na memória momentos relevantes, sobretudo para resgatar minúcias imprescindíveis ao conhecimento de si” (FERREIRA, 2017, p. 79). Assim, durante esse processo de pesquisa da escrita e reescrita de si, foi possível pensar sobre o resgate das minúcias imprescindíveis ao conhecimento de si, particularmente, ao analisar as pontes entre a arte, a educação e a vida do sujeito, sobretudo, quando foram observados os registros narrativos.

A percepção ampliada e reflexiva acerca da artesanaria que envolveu os bonecos foram marcantes para essa trajetória de escrita memorialística, assim como, reproduzi-los durante as disciplinas de PI e STCHA 3 foi esclarecedor para pensar nos aspectos autoformativos, poéticos artísticos (Figura 8). Nessa perspectiva, posso afirmar que para o âmbito da prática docente como futura professora, ao trazer reflexões sobre as histórias de vida, o campo das experiências com a época de escolarização, bem como, com o cotidiano, evidenciou fatores importantes em minha trajetória de vida, particularmente sob um novo olhar no aspecto formativo.

Figura 8: Reprodução dos bonecos de infância que auxiliaram na escrita dos memoriais



Fonte: Acervo da autora.2018.

Foi importante observar as criações de infância e perceber que todas elas se entrelaçavam em minhas escolhas, mesmo que durante meu percurso pessoal e

profissional tendo caminhado por tantos outros lugares. Para Ferreira, (2017 p.77), “[...] pensar nas visualidades presentes da infância conduz uma potência enunciativa de sentidos e significados para o campo na narrativa autobiográfica”. Desse modo, ao produzirmos escritas de si, através dos registros memorialísticos como potência enunciativa, recuperamos visualidades que estavam presentes na infância, tornando-as norteadoras durante o percurso de nossas lembranças. Nos apontamentos da professora e pesquisadora Marie Christine Josso:

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida. ” (JOSSO, 2007, p. 415).

Nesse contexto, entendo que me tornei objeto da experiência reflexiva ao relembrar minha trajetória e diante das minhas criações de infância pude perceber e refletir que reproduzia o que acontecia ao meu redor. Nesse caminho, encontro em Lev Vigotski (1998, p. 315) ao enfatizar que, “a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser”. Um argumento que acentua como determinado indivíduo se torna um participante dentro do conceito das criações artísticas que ele produz, observado em seu meio social. Podendo, assim, refletir tanto sobre o seu contexto como de outros contextos vinculados com outras sociedades, mas principalmente dos acontecimentos que o cercam.

### **Aprendizagem em artes: afetos que transitam pelo tempo**

Durante o percurso autobiográfico, observei que os brinquedos da época de infância, no caso particular dos bonecos, os mesmos foram ocupando lugares diferenciados no meu percurso de vida. Durante a graduação em artes visuais, eles se manifestaram de diversas formas em várias disciplinas ao longo da minha experiência formativa.

E, até então, eu não havia percebido sua relevância no contexto da minha formação subjetiva, até o momento em que passei a considerar as memórias a partir dos elementos de infância diante da narrativa autobiográfica. Segundo Wilton Carlos Lima da Silva:

As fontes primárias sobre a própria vida oferecem não só a dimensão das experiências pessoais de um sujeito em suas ações cotidianas, em um relato verídico, mas também se apresentam como uma representação do indivíduo e de seus contextos que devem ser entendidos para além do contraste verdade-mentira ou exatidão-inexatidão, mas como uma tipologia dos gêneros, uma perspectiva específica, reflexo de situações de construção das representações de si e do mundo, estratégias de autorrepresentação e autofiguração, afirmação de identidades e de outras dimensões que se constroem na escrita de si. (SILVA, 2015, p. 110).

Nesse ponto específico apresentado pelo autor, compreendo que, até então, eu não tinha a percepção, anteriormente ao momento da confecção dos objetos de infância e das reflexões acerca das narrativas, de que eu estava a recriar os artefatos de infância em minhas composições artísticas. E, que eles ressurgiram em vários momentos da minha graduação de diferentes modos. Esses modos evidenciaram o reflexo de situações vividas acerca das representações de si e do mundo, em permanente diálogo com os modos como idealizei os bonecos. Nesse aspecto, o campo da investigação autobiográfica evidenciou a presença desses bonecos em vários trabalhos ao longo de toda graduação. A seguir, apresento nas figuras 9 a 19, uma série de representações de alguns trabalhos desenvolvidos desde meu ingresso na Universidade, onde as investigações autobiográficas levaram a perceber que em meus arquivos acadêmicos eu possuía um conjunto de trabalhos produzidos ao longo da minha jornada formativa na Universidade que transitavam pelas memórias dos brinquedos de infância.



Figura 9: Desenho 1 - 2º Semestre 2015. Desenho de observação somado a atividade final com composição conceitual.



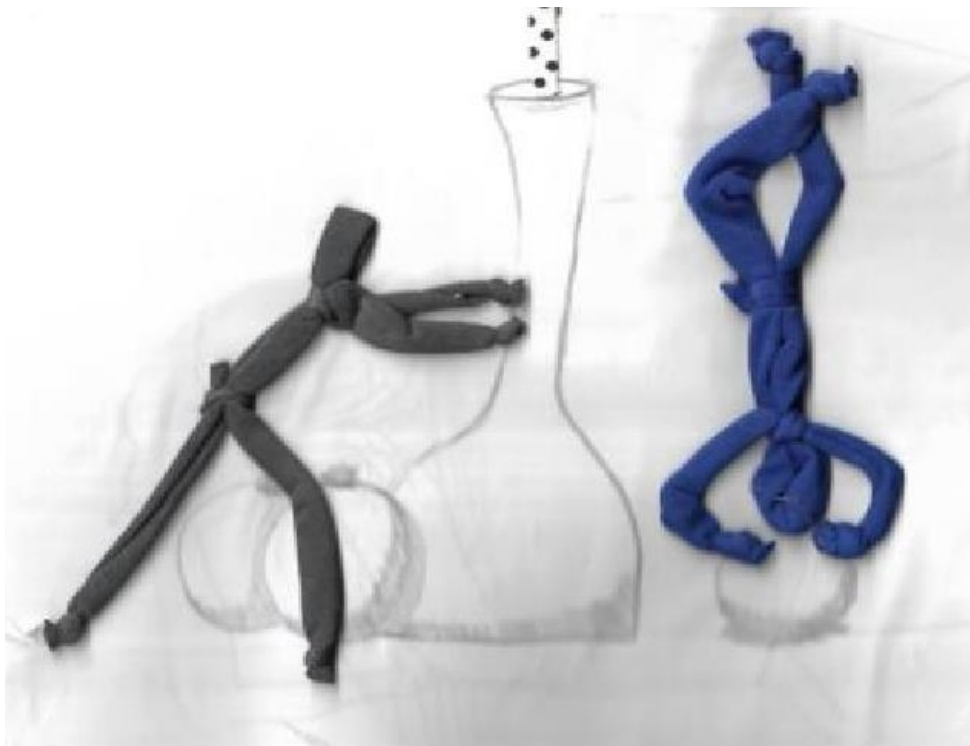
Fonte: Acervo da autora

Figura 10: Atividade Materiais em Arte 1 - 1º Semestre 2016. Um dos trabalhos finais.



Fonte: Acervo da autora

Figura 11: Desenho e Plástica - 2º 2016. Desenho de observação com finalização em materiais diversos



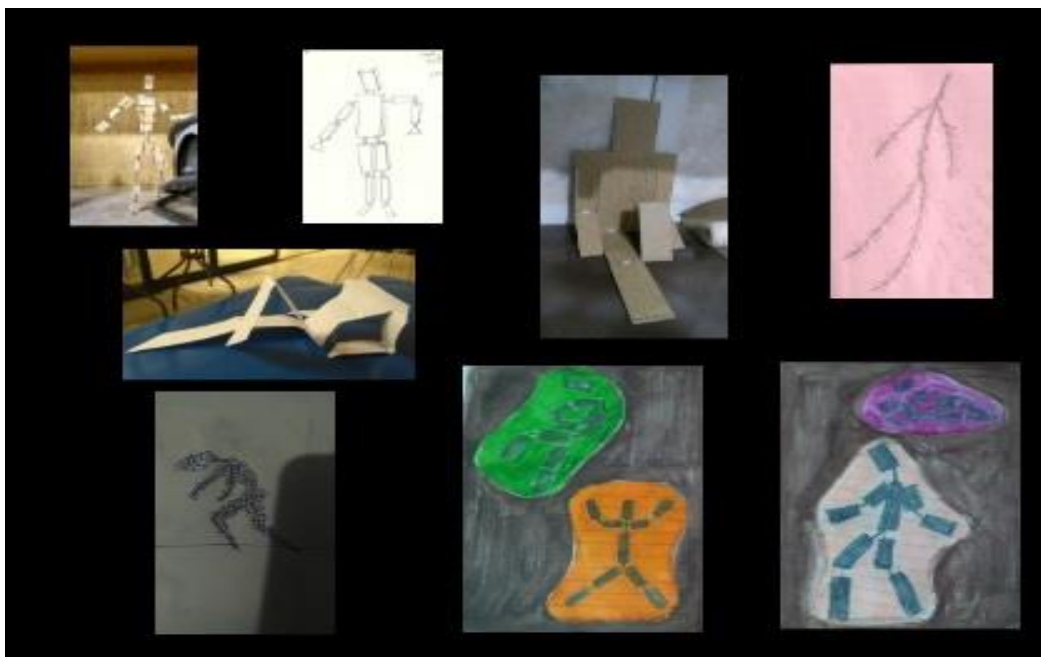
Fonte: Acervo da autora

Figura 12: Atividade Escultura 1 - 1º 2017. Trabalho final. Compensado e dobradiças



Fonte: Acervo da autora

Figura 13: Testes, croquis e ideias para escultura



Fonte: Acervo da autora

Percebi ao longo das pesquisas que foram desenvolvidas para as disciplinas mencionadas nesse texto, que aqueles brinquedos confeccionados na infância remetiam para um lugar do afeto, do carinho e da cumplicidade, inclusive, como artefatos de simbolização relacionadas com outros sujeitos. No texto, *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*, Marie Christine Josso (2007), comenta que em seu trabalho biográfico pode criar um discurso que, ao fazer-se, inventava a parte original de sua identidade de pesquisadora profissional, alimentava outras atividades, como por exemplo de pintura e, assim, ajudava a inventar a especificidade de sua identidade de artista profissional. Ao ler sobre essa dimensão do trabalho biográfico da autora, compreendi que a intenção da experiência vivenciada na Disciplina de STCHA3, a partir da concepção do Ateliê Autobiográfico, tencionava justamente essa movimentação do aspecto biográfico. O professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira ao propor que realizássemos um processo de “reconhecimento de si”, estava aguçando em cada um dos alunos a dimensão da experiência formativa vivenciada retrospectivamente. Assim, pude refletir tanto sobre os percursos formativos que vivenciei quanto no sentido de pensar prospectivamente minha formação como futura professora e artista.

A experiência de reviver as criações de infância através da narrativa trouxe o entendimento de que os brinquedos criados na infância estavam ligados a diversas escolhas realizadas ao longo da minha trajetória. Como exemplo marcante, reflito sobre a escolha do curso técnico de marceneira, onde profissionalmente crio coisas a partir de determinados materiais. Durante essa pesquisa para o TCC, observei a identificação com a escultura que compõe minha poética como artista, pois na Universidade ao longo dos semestres, sobretudo, nas aulas práticas de várias disciplinas eles estiveram presentes em todas as criações.

Esses acontecimentos foram revelados através da narrativa autobiográfica, pois de acordo com Lara Leticia Leite de Oliveira (2015, p. 2), “[...] o ler e reler nossa história nos leva a produção de ideias, questionamentos, razões, omissões, inquietações, opiniões ou até mesmo o “eu” que estava escondido nos é revelado”. Nesse sentido, acredito que não se tratava apenas de um gesto lúdico, na verdade aquela ludicidade constituiu um fator primordial na minha existência, desvelando sentidos que são intrínsecos com a minha tessitura subjetiva.

Figura 14: Escultura 2 - 1º 2018 – Ensaio, protótipo para instalação de escultura no *Campus* da UnB.



Fonte: Acervo da autora

Figura 15: Ateliê 1 - 2º 2018 – Ensaio sobre produção artística



Fonte: Acervo da autora

Figura 16: Escultura 2 - 1º 2019 – Instalação I – Madeira, verniz, ferragens.



Fonte: Acervo da autora

Figura 17: Escultura 2 - 1º 2019 – Instalação II – MDF revestido de estopa.



Fonte: Acervo da autora

Figura 18: Ensaios Ateliê II - 2º 2019



Fonte: Acervo da autora

Figura 19: Materiais em Arte II - 2º 2019 -



Fonte: Acervo da autora

Figura 20: Ateliê II - 2º 2019 - Ensaio



Fonte: Acervo da autora

De acordo com as figuras apresentadas, ressalto que a pesquisa narrativa e autobiográfica foi determinante para ajuizar algumas certezas em relação ao contexto formativo que vivenciei ao longo da minha trajetória de vida. Destaco também, que essa pesquisa ocorre desde o primeiro semestre de 2018, quando ingressei nas disciplinas que foram mencionadas anteriormente. Foi a partir dessa perspectiva teórica e metodológica que comecei a pensar de um modo mais reflexivo a respeito da minha trajetória dentro e fora da Universidade, e através da escrita do memorial biográfico descobri alguns contextos que me fizeram trilhar por esse caminho.

Os estudos nas referidas disciplinas suscitaram, como dito anteriormente, reflexões sobre acontecimentos que estavam adormecidos, presentes em algum lugar do passado. Nesse ponto, concordo com o apontamento de Cristiane Herres Terraza (2016, p.89) ao enfatizar que a educação em artes deve: “considerar uma estruturação de saberes que parta das inquietações dos alunos sobre os objetos visuais que compõem sua experiência estética, informativa e educativa”. Nesse caso, em particular, entendo que se não fossem as inquietações geradas pelos estudos no âmbito da formação universitária, em especial, nas disciplinas mencionadas, bem como, a pesquisa acadêmica na Iniciação Científica, essas experiências que estavam adormecidas, possivelmente não seriam investigadas. Assim, ao vivenciar esta experiência que contemplou o meu percurso autobiográfico, também reforçou determinadas escolhas que estavam escritas na minha história de vida.

No estudo das artes visuais, para Terraza, (2015). uma das propostas é a de “proporcionar uma educação estética concentrada no desenvolvimento de sensibilidades para um estado de criticidade”. Considero o estudo de arte como uma oportunidade de desenvolvimento de percepções, onde o aluno constrói, desconstrói, configura e reconfigura questões da vida e podendo assim gerar novos conceitos sobre os temas e situações que o cercam. Por meio das experiências vividas inicialmente pela pesquisa narrativa e autobiografia, nas disciplinas mencionadas e finalmente durante o processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso foi possível perceber que em minha trajetória de vida desde a infância, eu me via presa em cenas do cotidiano e que esses eventos foram me constituindo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco que ao refletir sobre questões formativas relacionadas com o contexto da educação em artes visuais, o olhar é ampliado para outras perspectivas, sobretudo, quando consideramos nossa própria trajetória formativa. Nesse sentido, a proposta principal deste texto foi demonstrar que a pesquisa no campo da narrativa autobiográfica possibilitou uma escrita de si que trouxe percepções de experiências vividas, possibilitando reflexões importantes enquanto futura docente, aluna e artista. Confesso que estas experiências, até então, não haviam sido cogitadas e nem pensadas.

Por meio dos registros memorialísticos passei a perceber de modo mais atencioso algumas etapas de minha vivência com as artes visuais dentro e fora da escola. A partir disso, observei que o campo das lembranças seria um caminho promissor para trazer elementos da infância até o momento presente. Caminhos estes que me levaram as minhas escolhas, evidenciado pelas minúcias dos acontecimentos que evidenciaram, de algum modo, o desejo de lecionar artes visuais.

Dentro desse contexto de pesquisas e escritas memorialísticas pude notar que dentro de meu mundo infantil estava atenta em vários acontecimentos ao meu redor e que era uma observadora e reprodutora de tudo que prendia o meu olhar. Através da experiência com a narrativa autobiográfica pude, com um olhar atento sobre os escritos memorialísticos, aos episódios e lembranças pessoais, ser conduzida a pensar sobre meu caminho particular, e refletir sobre minhas próprias experiências de vida, fazendo-me pensar que a educação em arte pode ser apresentada de uma forma provocadora das emoções, permitindo a espontaneidade e a revelação dos sentimentos dos educandos, validando a história de cada um, possibilitando o desenvolvimento de sensibilidade e percepção quanto aos acontecimentos que os cercam.

Ao adentrar as portas da universidade não tinha a percepção que a arte estivera presente em minha vida. A busca por meio das lembranças relatadas no presente texto, mostraram que mesmo com este distanciamento do aprendizado em artes na escola eu fui alcançada por ela no meu cotidiano.

A criação dos artefatos que se conectavam a minha vida e meio social fizeram parte de muitas etapas da minha trajetória, fazendo-me notar que a arte e a experiência são expressas dentro do nosso cotidiano, dentro das nossas experiências de vida. Para Dewey (1934, p. 372), “o conceito de Educação é definido pelo processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual é atribuído sentido, e com isto, habitam-se escolhas futuras”. Desse modo observar a reorganização das minhas experiências através das memórias, juntamente com o processo de investigação que evidenciou o transitar dos artefatos durante as disciplinas foram importantes partindo do pressuposto de que são componentes que me formaram ao longo da vida e que ainda se apresentam em suas novas roupagens.

Noto finalmente a importância de toda minha permanência no curso de Licenciatura em Artes Visuais dentro da Universidade de Brasília, ressaltando em especial a narrativa autobiográfica que trouxe luminescência aos caminhos percorridos por esta futura professora que pode se perceber através das investigações autobiográficas, que sempre teve a arte presente em seu cotidiano e que sempre foi e será artista.

## REFERÊNCIAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. **Processo de Formação e aprendizagens ao Longo da Vida**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.1, p 177-197, 2006. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000100011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000100011)>  
Acesso em: Junho de 2020

ALMEIDA, Sandro Henrique Vieira de – PUC-SP: **A Teoria Vigotskiana Sobre Memória: Possíveis Implicações Para A Educação**. 28ª Reunião Anual da ANPEd. 16 a 19 de outubro de 2005. CAXAMBU / MG. Disponível em:<<http://28reuniao.anped.org.br/gt20.htm>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

ALVES, Antonio Lucas. **Imagens de arte e autoformação da sexualidade: o desenho como perspectiva de uma escrita de si**. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Visuais. Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, 2018.

BARBOSA, Ana Mae – **Arte Educação e Cultura, Tópicos utópicos** - Belo Horizonte 1998, C/Arte.  
Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf> >  
Acesso em: 28 de Agosto de 2020.

DEWEY JOHN, **Arte e Experiência**. São Paulo, SP: Martins, 2010a.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. **Narrativas Autobiográficas: entre lembranças, experiências e artefatos**. In: Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 02, n. 04, p. 75-87, jan./abr. 2017.  
Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3129> >  
Acesso em: 11 de Maio de 2018.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro; CAIXETA, Ana Paula Aparecida. **Entre o velar e o desvelar na escrita de si: os memoriais e a (auto)formação de professores de artes visuais**. In: VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica - UNICID – São Paulo – 17 a 20 de setembro de 2018.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro; CAIXETA, Ana Paula Aparecida - **Pesquisa em artes visuais: A Licenciatura e seus Desdobramentos Investigativos**. Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Visuais em Artes Plásticas. Goiânia: Anpap,2020.  
Disponível em:< [http://anpap.org.br/anais/2020/content/comite\\_eav.html](http://anpap.org.br/anais/2020/content/comite_eav.html)>  
Acesso em: Abril 2020

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. In: Educação: Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.  
Disponível em:<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2>>  
Acesso em: 27 de Maio de 2020

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **ARTE/EDUCAÇÃO/ARTE: AFINAL, QUAIS SÃO AS NOSSAS INQUIETUDES?** In: FRADE, Cristina Alves da Silva et al. *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente - (Didática e prática de ensino)*. Belo Horizonte: Autentica, 2010, p. 226-244.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação**. Santa Maria/RS: UFSM, 2017.

MACHADO, Patrícia Mello. **Pesquisa viva e identidade docente na formação inicial do professor de artes visuais: um estudo autobiográfico**. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Visuais. Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, 2016.

OLIVEIRA, Iara Leticia Leite de. **A Formação Docente Pela Lente Do Memorial Como Instrumento De Reflexão**. XIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática – EBRAPEM. 2015.  
Disponível em: [https://www.ufjf.br/ebrapem2015/files/2015/10/gd7\\_jara\\_deoliveira.pdf](https://www.ufjf.br/ebrapem2015/files/2015/10/gd7_jara_deoliveira.pdf)  
>Acesso em: 22 de Maio de 2020.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Arte**. Ministério da Educação, 1997.p.20.

Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> > Acesso em: 10 de Maio de 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica**. Natal, RN: EDUFRN, 2011, p. 19-40.

SAMPAIO, Lucas Marques. **Do aprendizado às margens: autobiografia verbo-visual como narrativa de experiências**. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Visuais. Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, 2015.

SARTORI, Adriane Teresinha. **Estilo Em Memoriais De Formação**. Universidade de Caxias do Sul, RS 2008.

Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52506> >

Acesso em: 25 de Janeiro de 2020.

SILVA, Douglas Firmino. **Vilipêndio ao meu cadáver: autorrepresentação grotesca e a autoformação no desenho**. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Visuais. Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, 2017.

SILVA, Wilton C. L. **A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180307152015103>

Acesso em: 14 de Abril de 2021

SOUZA, Elizeu Clementino de - **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**- SCIELO BOOKS EDUFBA. 2007 P.310

Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>

Acesso em: 19 de Abril de 2021

TEIXEIRA, Anísio; WESTBROOK, Robert B. **John Dewey** - José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

TERRAZA, Cristiane Herres - **Cidade e visualidade: reflexões pedagógicas para o ensino da arte** Disponível em:

<[http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/cristiane\\_herres\\_terraza.pdf](http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/cristiane_herres_terraza.pdf)>

Acesso em: 28 de abril de 2018.

TERRAZA, Cristiane Herres. **Integrações Diálogos Sobre O Ensino Médio** {org}. Editora IFB, 2016a.